

## MASSACRES EM ESCOLAS BRASILEIRAS, IMPACTOS E ESTRATÉGIAS DE MITIGAÇÃO

## MASSACRES IN BRAZILIAN SCHOOLS, IMPACTS, AND MITIGATION STRATEGIES

## MASACRES EN ESCUELAS BRASILEÑAS, IMPACTOS Y ESTRATEGIAS DE MITIGACIÓN

Beatriz Lopes Zanbello<sup>1</sup>  
Rute Milani Grossi<sup>2</sup>  
Regiane da Silva Macuch<sup>3</sup>

### Resumo

Este trabalho teve como objetivo analisar os incidentes de violência em escolas, compreender suas origens, identificar os fatores desencadeantes e propor estratégias de prevenção. A pesquisa investigou os massacres em escolas brasileiras entre 2022 e 2023, abordando a natureza, a extensão e formas de prevenção desses ataques. Foram combinadas metodologias quantitativa e qualitativa para avaliar a quantidade de incidentes, taxas de ocorrência e fatores contextuais. Os resultados mostraram uma interação complexa de fatores sociais, psicológicos e culturais. Jovens do sexo masculino foram frequentemente identificados como agressores, muitas vezes em decorrência de experiências prévias de *bullying* e exclusão social. A mídia foi apontada como influente na percepção pública, evidenciando a necessidade de uma cobertura responsável para evitar efeitos de contágio. Entre as medidas sugeridas para mitigar os ataques estão: restrições ao acesso a armas de fogo, implementação de políticas escolares preventivas, educação voltada à convivência e respeito, além de suporte contínuo à saúde mental de estudantes e professores. Tais iniciativas são essenciais para reduzir a violência e promover um ambiente escolar seguro e acolhedor.

**Palavras-chave:** Violência escolar; origens; prevenção; impactos.

### Abstract

This study aimed to analyze incidents of violence in schools, understand their origins, identify triggering factors, and propose prevention strategies. The research investigated school massacres in Brazil between 2022 and 2023, addressing the nature, extent, and prevention methods of such attacks. Quantitative and qualitative methodologies were combined to assess the number of incidents, occurrence rates, and contextual factors. The results revealed a complex interplay of social, psychological, and cultural factors. Male youths were frequently identified as perpetrators, often linked to prior experiences of bullying and social exclusion. The media was highlighted as influential in shaping public perception, emphasizing the need for responsible coverage to prevent contagion effects. Suggested measures to mitigate attacks include restricting access to firearms, implementing preventive school policies, fostering education focused on coexistence and respect, and providing continuous mental health

---

<sup>1</sup>Mestra em Promoção da Saúde pela Universidade Cesumar (UniCesumar). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2071-5890>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1422369520115034>. E-mail: [beatriz.lobes.zanbello@gmail.com](mailto:beatriz.lobes.zanbello@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutora em Medicina (Saúde Mental) pela Universidade de São Paulo (USP). Docente dos Programas de Pós-Graduação em Promoção da Saúde e Tecnologias Limpas da Universidade Cesumar (UniCesumar). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2918-1266>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8844448878404124>. E-mail: [rute.milani@unicesumar.edu.br](mailto:rute.milani@unicesumar.edu.br)

<sup>3</sup>Doutora em Ciências da Educação pela Universidade do Porto, Portugal. Professora Permanente no Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Promoção da Saúde e na Graduação em Psicologia na Universidade Cesumar (UniCesumar). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2277-319X>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5097499395613895>. E-mail: [rmacuch@gmail.com](mailto:rmacuch@gmail.com)

support for students and teachers. These initiatives are essential to reducing violence and promoting a safe and welcoming school environment.

**Keywords:** School Violence; Origins; Prevention; Impacts.

### Resumen

Este estudio tuvo como objetivo analizar los incidentes de violencia en las escuelas, comprender sus orígenes, identificar los factores desencadenantes y proponer estrategias de prevención. La investigación examinó masacres escolares en Brasil entre 2022 y 2023, abordando la naturaleza, el alcance y los métodos de prevención de estos ataques. Se combinaron metodologías cuantitativas y cualitativas para evaluar la cantidad de incidentes, las tasas de ocurrencia y los factores contextuales. Los resultados revelaron una interacción compleja de factores sociales, psicológicos y culturales. Los jóvenes de sexo masculino fueron frecuentemente identificados como agresores, a menudo debido a experiencias previas de acoso escolar y exclusión social. Los medios de comunicación se destacaron como influyentes en la percepción pública, subrayando la necesidad de una cobertura responsable para evitar efectos de contagio. Entre las medidas sugeridas para mitigar los ataques se encuentran: restricciones al acceso a armas de fuego, implementación de políticas escolares preventivas, educación orientada a la convivencia y el respeto, además de un apoyo continuo a la salud mental de estudiantes y profesores. Estas iniciativas son esenciales para reducir la violencia y promover un entorno escolar seguro y acogedor.

**Palabras clave:** Violencia escolar; orígenes; prevención; impactos.

### Introdução

Ataques violentos a escolas têm sido eventos crescentes ano após ano, ocorrendo sem aviso prévio ou preparação específica para lidar com eles. No Brasil, houve o crescimento significativo entre 2022 e 2023 desse tipo de evento, período esse que marcou várias mudanças nas políticas relacionadas ao armamento, gerando intensos debates na mídia. Essas discussões não apenas envolveram adultos, mas também crianças, destacando-se como tema de grande impacto social (Vinha *et al*, 2023).

Os eventos que envolvem ataques violentos em escolas têm despertado preocupação, impactando negativamente o ambiente educacional e intensificando a necessidade de reforçar medidas de segurança. Contudo, ainda existem lacunas significativas em estudos que investigam a formação de profissionais da educação para lidar com essas realidades emergentes. É fundamental promover reflexões e proporcionar formações específicas sobre o tema, capacitando os educadores para enfrentar desafios como o *bullying* e outras formas de “violência escolar” de maneira preventiva.

Diversos setores desempenham papel fundamental na prevenção e no enfrentamento dos incidentes violentos em instituições educacionais, incluindo a segurança pública, atenção primária à saúde, serviços de proteção psicossocial, mídia, entre outros. Dentre essas áreas, destaca-se o papel da mídia, cuja abordagem pode exercer uma influência significativa. Conforme apontado por Corrêa (2019), a glorificação excessiva dos ataques veiculada pela mídia pode não apenas motivar os jovens e adultos a cometerem atos de violência, mas também

pode incentivá-los a buscar uma "gratificação", muitas vezes associada ao reconhecimento público, à atenção e à percepção distorcida de poder.

Portanto, não apenas as escolas, mas toda a sociedade deve se engajar na prevenção, especialmente os setores governamentais, implementando políticas que restrinjam o acesso a armas de fogo, desenvolvendo estratégias para proteger as escolas e as crianças de ameaças internas e externas de violência.

Este artigo está organizado em quatro seções principais. Na seção 1, é apresentada a introdução, na qual são discutidos os objetivos da pesquisa, o problema investigado e a relevância do tema. Na seção 2, descreve a metodologia utilizada, que envolveu uma revisão de literatura abrangente sobre violência escolar, além da análise de reportagens sobre massacres nas escolas brasileiras ocorridos entre 2002 e 2023.

A seção 3 é dedicada à revisão da literatura, abordando os aspectos da violência escolar e os desafios atuais enfrentados pelas instituições de ensino, incluindo as causas e consequências dos ataques violentos. A seção 4 apresenta a análise dos dados jornalísticos, com foco nos massacres escolares no Brasil, identificando padrões e características comuns dos incidentes reportados pela mídia. Por fim, a seção 5 discute as conclusões e implicações do estudo, refletindo sobre as causas e possíveis estratégias para a prevenção desses eventos violentos.

Compreender que a escola tem a responsabilidade de oferecer um ambiente acolhedor que promova a segurança emocional aos estudantes, enquanto combate qualquer forma de violência, é necessário para prevenir ataques violentos nas instituições de ensino. No entanto, é preciso abordar esse tema com cautela, pois a escola reflete os acontecimentos da sociedade como um todo.

Este estudo consiste em uma revisão de literatura sobre incidentes de violência nas escolas, com o objetivo de compreender suas origens, fatores desencadeantes e as estratégias de prevenção e intervenção discutidas na literatura acadêmica. A revisão examina diferentes abordagens teóricas e metodológicas sobre o tema, buscando identificar padrões, lacunas no conhecimento atual e sugerir direções para futuras pesquisas sobre o fenômeno.

Para tanto, buscou-se responder à seguinte pergunta: qual é a natureza, a extensão e as causas dos ataques escolares no Brasil, e quais estratégias têm se mostrado mais eficazes para preveni-los e intervir de forma adequada?

### **Metodologia**

Este estudo foi conduzido a partir de revisão de literatura abrangente sobre a violência escolar, utilizando bases de dados como PubMed, SciELO e Google Scholar. Os descritores empregados foram "massacres", "atentados", "violência na escola" e "adolescência", com o objetivo de explorar causas e características desses eventos que tem vindo a se manifestar nas escolas, além de buscar compreender as motivações e impactos nos envolvidos. A pesquisa bibliográfica abordou artigos científicos e publicações acadêmicas que discutem os fatores que influenciam os ataques violentos nas escolas, incluindo análises das personalidades dos agressores, as consequências para as vítimas e possíveis estratégias de prevenção.

Simultaneamente, realizou-se a procura de notícias vinculadas a massacres escolares no Brasil, ocorridos entre 2002 e 2023. Para essa parte da pesquisa, foram coletadas reportagens de fontes confiáveis, como portais de notícias, arquivos de jornais e matérias jornalísticas que relatavam incidentes de violência extrema nas escolas. As reportagens analisadas tinham como critério de inclusão incidentes que envolviam o uso de armas de fogo, armas brancas ou outros objetos utilizados para ferir, e que resultaram em agressões a qualquer pessoa presente no ambiente escolar, incluindo professores, alunos, coordenadores e gestores. Casos de tentativas de ataques, eventos fora do espaço escolar ou reportagens incompletas foram excluídas da análise.

A pesquisa foi realizada entre os anos de 2023 e 2024, com o intuito de identificar padrões, tendências e características comuns dos incidentes, assim como distinguir as diferenças significativas entre os casos. A coleta de dados foi organizada em tabelas, que reuniram informações sobre o local, data, número de vítimas, características dos agressores e possíveis motivações.

A combinação de revisão da literatura e análise de reportagens jornalísticas proporcionou a compreensão do fenômeno e permitiu reflexão sobre as causas e consequências desses eventos violentos ocorridos em escolas no Brasil.

### **Violência e desafios atuais - revisão da literatura**

A escola representa um dos mais importantes agentes socializadores para o adolescente, mas pode vir a tornar-se um local indesejado e temido, instalando o sentimento de insegurança

e medo. Nessas circunstâncias, existe maior probabilidade de insucesso escolar, comprometimentos físicos e emocionais ou sentimentos de insatisfação com a vida. A aceitação pelos pares é fundamental para o desenvolvimento da saúde dos adolescentes, promovendo habilidades sociais e fortalecendo a capacidade de gerir situações de estresse (Alcantara *et al.*, 2019).

O contexto escolar sofre inúmeras violências, tanto de dentro para fora quanto de fora para dentro. Essa violência pode ser compreendida como fator multidimensional, ou seja, sua manifestação encontra-se em diversos cenários, bem como suas formas e seus prejuízos (Waldenfels, 2019). Assim, conceituar violência requer atenção especial, visto a complexidade da temática.

No debate sobre violência é preciso muita cautela, pois esse fenômeno muda e se transforma em função da sociedade. Explorar a ocorrência da violência requer sensibilidade quanto ao período histórico, região, ambiente cultural além da variedade de outros elementos de natureza dinâmica semelhante a outros fenômenos sociais (Huhn & Warnecke-Berger, 2016). Diferentes culturas podem pensar sobre a violência na escola de perspectivas sociais e históricas diferentes.

Não existe consenso conceitual sobre a violência na escola, pois em cada instituição de ensino ocorrem fatores diversos, que podem variar de acordo com variantes. Segundo a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), a violência na escola se subdivide em: violências físicas (ataque patrimonial, agressões interpessoais e violência física), psicológicas (insultos verbais, maus-tratos emocionais, *bullying*, exclusão social, assédio moral), sexual (envolvendo discriminação de gênero, agressões sexuais, contato não consensual e assédio sexual) que afetam estudantes, membros da equipe, responsáveis dos estudantes e residentes nas proximidades das escolas (Unesco, 2019).

Em um contexto mais amplo, de acordo com o Atlas da Violência (2018), no decorrer da gestão do governo federal de 2012 a 2016, cerca de 65.517 pessoas foram mortas no Brasil em 2016, contabilizando 171 pessoas por dia. Entre jovens a violência letal é responsável por 56% das mortes.

Conforme o 11º Anuário de Segurança Pública publicado em 2017, com dados dos anos de 2015 e 2016, 70% dos professores e gestores escolares presenciaram agressão física e verbal entre alunos, e, 50,2% de professores e funcionários relataram sofrer algum tipo de violência

física ou verbal (Brasil, 2017). Cerca de 6,2% dos alunos frequentam a escola com efeito de álcool e 13% com efeito de drogas ilícitas e 1,3% adentraram a instituição escolar com arma de fogo. Na pergunta: “Você foi vítima de algum atentado à vida?”, cerca de 1% dos professores responderam que sim (Brasil, 2017).

De acordo com o Anuário de Segurança Pública de 2019, que apresenta dados de 2017-2018, durante a gestão do governo federal de 2016 a 2018, 69% dos professores e gestores relataram ter presenciado agressões entre alunos. Além disso, aproximadamente 48,9% desses profissionais foram vítimas de agressões verbais ou físicas. Cerca de 15,8% dos alunos chegaram às instituições de ensino sob efeito de álcool, enquanto 21,3% estavam sob o efeito de drogas ilícitas. Também foi registrado que 2,3% dos alunos adentraram as escolas portando armas de fogo. Quando questionados sobre se haviam sido vítimas de algum atentado à vida, cerca de 1% dos professores afirmaram que sim" (Brasil, 2019).

Durante a gestão do governo federal de 2018 a 2022, um período marcado pela disseminação de fake news, pela cultura das armas, pelo desamparo científico e pela apologia à violência, à discriminação contra a diversidade e às diferenças, frequentemente sustentado por discursos religiosos e políticos (Frigotto, 2021). Esse período coincidiu também com a pandemia de Covid-19, que, embora tenha restringido a circulação de pessoas em espaços públicos, resultou em um aumento de 7,1% nas mortes violentas em comparação aos anos anteriores (Brasil, 2020).

Segundo a revisão bibliográfica realizada por Mcelroy e Wang (2017), o discurso “mais armas, menos crises” é falso, os autores verificaram 61 estudos que demonstram que 90% dos casos, quanto mais acesso às armas, mais homicídios. A cada 1% de aumento de armas de fogo há cerca de 2% no aumento dos homicídios (Cerqueira, 2014).

Em um estudo conduzido pela Escola de *Bloomberg School of Public Health* da Universidade Johns Hopkins, apontou que nos Estados Unidos no ano de 2020, as armas de fogo tiraram prematuramente a vida de 2.811 crianças e adolescentes de 1 a 19 anos de idade, bem como, 1.293 crianças e adolescentes cometeram suicídio com arma de fogo (JHB, 2022). Destaca-se que as crianças não possuem maturidade para separar o real do fantasioso, ou seja, não conseguem diferenciar armas reais de armas de brinquedos (Li *et al.*, 2021).

De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2021, diariamente 07 crianças e adolescentes morreram vítimas de homicídio e cerca de 50% das mortes de crianças

são por armas de fogo e esse número aumenta quando se trata de adolescentes, chegando a 88% (Brasil, 2021). Para o educador Gaudêncio Frigotto, “[...] o culto às armas se torna o signo que cultua a violência como pedagogia da ameaça e do medo para anular a luta política pelos direitos universais de comer, beber, ter um teto, trabalho, educação e saúde” (Frigotto, 2021, p. 119).

Vieira, Mendes e Guimarães (2010, p. 499) apontam que: “[...] há relatos de que tanto em Columbine como na Virginia Tech, o ambiente da escola era altamente competitivo e marcado pela prática do *bullying* e pela falta de efetividade de professores e diretores para intervir”. O clima escolar, tratando-se de violência, pode ser fator estressante e desafiador para toda comunidade escolar.

Compreender características de jovens agressores, “[...] como se organizam os grupos que praticam os ataques e o complexo cenário em que se articulam os atentados é elementar para o devido e coerente enfrentamento do tema” (Brum & Silva, 2021, p. 41). Em reportagem pela BBC, Idoeta (2019) destaca que existem padrões comportamentais de jovens agressores, como: comportamentos ligados à masculinidade, busca por enaltecimento pessoal por meio da mídia, conquista de influência e domínio por meio de armamentos, violência física e psicológica, elementos sociais e emocionais.

O uso de armas é uma forma de expressar a masculinidade. O sociólogo Pierre Bourdieu (2000), argumenta que as armas representam o capital simbólico da masculinidade. No entanto, não basta apenas possuir uma arma; o atirador sente a necessidade de afirmar sua masculinidade ferindo outras pessoas (Malkki, 2014).

Frequentemente, a naturalização das armas é transmitida como herança familiar. São necessários debates sobre masculinidade tóxica nas escolas, e para isso é necessário compreender as terminologias. A masculinidade não é exclusividade dos homens, pois homens e mulheres podem se identificar com diversos tipos de masculinidade (Oliveira, 2015). A masculinidade tóxica é um conceito relativamente novo. Anteriormente discutido como masculinidade hegemônica, se refere à concepção dominante de masculinidade, idealizada na sociedade ocidental, que atribui aos homens características como poder, vigor, valentia, racionalidade e intelectualidade (Oliveira, 2015).

Nem todos os tipos de masculinidade são considerados tóxicos, mas sim determinados comportamentos associados a ela. Em outras palavras, masculinidade só pode ser considerada tóxica quando se revela prejudicial ou destrutiva, seja para o próprio indivíduo, para os outros

ou para algo ao seu redor. Em outras palavras, a toxicidade de uma masculinidade depende das circunstâncias em que ela se manifesta e do impacto que causa (Oliveira & Santos, 2022).

Outro traço socialmente apreciado é a honra masculina. Essa honra está associada à dignidade, ao preço e à deferência pelos outros, estando conectado à posição social ocupada pelo homem e fundamentado em situações consideradas adequadas, como o cumprimento de suas obrigações financeiras e o cumprimento de suas promessas (Guerra, *et al.*, 2015).

Alguns estudos sugerem haver por trás de muitos dos casos uma possível "crise de masculinidade", em que jovens homens, em geral brancos, que se sentem desconectados da sociedade acabam encontrando na violência e na cultura de exaltação de armas de fogo uma forma de se autoafirmarem (Idoeta, 2019, s/p).

Apesar de considerada como virtude, esse aspecto masculino, até o final da década de 1970, foi amplamente desenvolvido para justificar a prática de violência contra as mulheres, incluindo feminicídios, por parte dos respectivos cônjuges, ex-maridos e parceiros, sob o pretexto de "legítima defesa da honra" (Bandeira, 2015). É evidente, portanto, que essas características, quando utilizadas em relações desiguais e de poder, podem resultar em situações de violência contra as mulheres. Em relação a esse problema, nota-se que mulheres em todo o mundo estão sujeitas a experiências de violência, sendo mais comuns os abusos no âmbito doméstico, principalmente abusos por parceiros íntimos.

A violência de gênero é um fato que ocorre dentro e fora das escolas, e diz respeito à violência de cunho sexual, físico ou psicológico cometida como consequência de padrões e preconceitos de gênero (UNESCO; ONU Mulheres, 2016). Tal violência, pode estar relacionada a relacionamentos românticos, ou não. Em 2020, em estudo realizado por Díaz-Aguado e colaboradores (2021), quase metade (47,8%) dos estudantes abordaram a questão da violência perpetrada por alguns homens contra mulheres em relacionamentos de parceiros ou ex-parceiros.

Ao comparar com grupos semelhantes entre 2013 e 2020, houve aumento relevante de 8 pontos percentuais no número de adolescentes que relataram ter enfrentado esse problema na escola (UNESCO; ONU Mulheres, 2016). Esse crescimento alarmante da violência de gênero nas escolas está associado a diversas consequências graves, como o abandono escolar, transtornos de estresse e sérios problemas de saúde física e mental, afetando diretamente o desenvolvimento e o bem-estar dos adolescentes.

Outra violência, como o racismo, mesmo em povos majoritariamente miscigenados como no Brasil, é um fenômeno estressor de crianças e adolescentes em contexto escolar. O racismo é um fator com inúmeros malefícios, pois a etapa escolar é o momento que o ser passa pela construção da identidade, estudos longitudinais, apontam a carga emocional do racismo na saúde mental nos jovens, como: uso de substâncias (Garrett, 2017), desregulação do cortisol, envelhecimento prematuro (Brody, 2016), inflamação (Brody, 2015).

A violência presenciada diariamente na escola por milhares de jovens é o *bullying*. Fenômeno marcado pelo comportamento repetitivo e intencional de uma pessoa ou coletivo direcionado a outra, em situações que o agressor e a vítima possuem diferenças, sejam físicas, sociais e outras características (Rettew & Pawlowski, 2021). Os elementos fundamentais da conduta de *bullying* incluem a intenção de causar dano e prejudicar, direta ou indiretamente pela disputa de poder (Dutta *et al.*, 2021).

A forma direta do *bullying* é pela violência física e verbal e a indireta consiste na violência psicológica que visa manipular, excluir e difamar as vítimas (Smokowski & Kopasz, 2005). Existem teorias, que abordam o *bullying* como parte do processo da infância, mas é um problema que afeta o bem-estar dos alunos na escola, gerando problemas de depressão, ansiedade, síndrome de *Burnout*, uso de substâncias ilícitas, baixa autoestima, problemas cardíacos e diabetes (Marques *et al.*, 2019).

Um estudo transversal, realizado com 921 alunos, aponta que os homens são mais suscetíveis a sofrer *bullying* que as mulheres. Esse estudo também trouxe a questão dos agressores serem propensos ao consumo de álcool e drogas, com comportamento antissocial, desemprego, delinquência e criminalidade na vida adulta (Dutta *et al.*, 2021). O *bullying* afeta não apenas a vítima, mas também o agressor. Uma metanálise apontou que programas *antibullying* reduziram 20% a prática do *bullying* e de 15-16% a vitimização (Gaffney, Ttofi & Farrington, 2019).

O termo *bullying* define atitudes agressivas, repetidas e intencionais, adotadas por um ou mais estudantes, que ocorrem sem motivações evidentes, causando prejuízos emocionais (Alcantara *et al.*, 2019). Relaciona-se com efeitos como depressão, ideação suicida e baixa autoestima (Swearer *et al.*, 2010). Escolas que possuem influências do *bullying* tornam-se ambientes negativos, tanto para aprendizagem como para o desenvolvimento cognitivo, social e psicológico de todos os agentes envolvidos.

No relatório da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar, de 2019, consta que 23,0% dos estudantes se sentiram humilhados pelos colegas duas ou mais vezes nos 30 dias anteriores à pesquisa. As meninas foram quem mais mencionaram os ataques e os motivos mais frequentes foram aparência do corpo e rosto, cor ou raça. No papel de causador, 12,0% dos estudantes haviam praticado algum tipo de *bullying* contra o colega, com proporções maiores entre o sexo masculino do que feminino. Proporcionalmente maior também entre os alunos de escolas privadas (13,5%) do que entre as públicas (11,8%) (Brasil, 2019, p. 41).

A escola deve implementar ações voltadas para a prevenção e o enfrentamento de diversas manifestações de violência, consolidando-se como o centro das estratégias de prevenção primária. No entanto, para combater todas as formas de violência, é essencial que a instituição de ensino esteja adequadamente preparada para abordar e lidar de maneira assertiva e fundamentada com essas expressões de violência em suas diferentes formas.

A escola, como espaço democrático de educação, precisa refletir coletivamente sobre os valores que serão norteadores dos seus planos político-pedagógicos, contemplando a inclusão de temas relevantes como a violência (Barreto & Silva, 2015, p. 07), para que tenha êxito na formação de crianças e adolescentes. O ambiente escolar deveria ser propício à segurança e aprendizado, mas na atualidade tornou-se propício à violência e desconforto.

Na atualidade, oferecer apenas acesso à escola não é suficiente; é preciso garantir a permanência do estudante com qualidade, estrutura, atendimento psicológico, materiais diversificados, formação profissional, presença familiar e gestão escolar democrática e eficiente (Guzzo, 2003). O ambiente escolar atua como agente didático e propício para o desenvolvimento das habilidades dos alunos, promovendo sua autonomia, bem como a motivação do professor (Tapia-Fonllem *et al.*, 2020), ou seja, o ambiente escolar pode favorecer o bem-estar coletivo.

Ao longo dos anos, ocorreram diversos ataques diretos às escolas em que estudantes se tornaram vítimas e agressores. Como aponta o Ministério da Educação: “Os ataques de violência extrema contra as escolas são frequentemente praticados por alunos e ex-alunos, quase sempre como uma reação a ressentimentos, fracassos e violências experienciadas na vida e na comunidade escolar” (Brasil, 2023, p.10). Esses atentados têm raízes em variados fatores, desde problemas de saúde mental não tratados até dificuldades de integração social e *bullying*.

Existem muitos fatores que podem promover ambientes educacionais mais harmoniosos e saudáveis do que adoecedores, a partir de formas diferenciadas de acolhimento.

As relações entre a qualidade ambiental escolar e o bem-estar dos alunos foram abordadas por Matos e Carvalhosa (2001), que indicaram que o ambiente escolar tem uma influência direta no bem-estar dos estudantes. Nesse contexto, uma escola que promove o bem-estar pode garantir um ambiente escolar positivo, focado não apenas nas condições físicas, mas também em aspectos como a criação de espaços privativos, áreas abertas e verdes para atividades, além de ambientes tranquilos, como destacam Jones e Harrison (2014). Esse tipo de ambiente é essencial para o desenvolvimento saudável dos alunos, contribuindo para uma experiência escolar mais equilibrada e satisfatória.

A escola deve dar relevância ao ambiente preparado como uma comunidade escolar, não apenas ao ambiente físico, mas também ao clima emocional. Muitas escolas possuem estrutura impecável, mas outras situações podem transformar o ambiente escolar, como *bullying*, racismo e sexismo.

A violência na escola é tida como fator que impossibilita, muitas vezes, desenvolvimento saudável, afetando saúde, qualidade de vida e bem-estar subjetivo, físico e social de crianças e adolescentes. O primeiro fator para o combate a quaisquer formas de violência na escola é o poder da voz e do diálogo com os alunos.

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deve associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? (Freire, 1996, p. 15).

Para alcançar esse objetivo, é fundamental iniciar a discussão sobre saúde mental, identificar comportamentos de risco e estabelecer protocolos claros para lidar com situações emergentes. Dessa forma, não apenas os alunos, mas todos os membros da comunidade escolar, terão acesso ao conhecimento necessário para enfrentar essas questões. Em janeiro de 2024, foi sancionada a Lei 14.819, que institui a Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares, reforçando a importância dessa abordagem integrada e preventiva.

A política constitui a estratégia para a integração e a articulação permanente das áreas de educação, de assistência social e de saúde no desenvolvimento de ações de promoção, de prevenção e de atenção psicossocial no âmbito das escolas, tendo dentre seus objetivos a

promoção da saúde mental da comunidade escolar, entenda-se como integrantes alunos, professores, profissionais e pais e responsáveis pelos alunos matriculados na escola (Brasil, 2024).

Os problemas de saúde mental na escola, constituem uma questão de relevância para a saúde pública. Conforme a Organização Mundial da Saúde, “globalmente, 1 em cada 7 crianças entre os 10 e os 19 anos sofrem de uma perturbação mental, o que representa 13% do fardo global de doenças nesta faixa etária” (OMS, 2021). Diante desse cenário, torna-se uma questão iminente. Dentre as estratégias voltadas para a promoção da saúde mental, destaca-se a implementação de iniciativas no ambiente escolar. Contudo, para efetivar tais ações, é importante não apenas desenvolver projetos e oferecer formação profissional docente, mas também estabelecer uma equipe multidisciplinar de profissionais. Nesse contexto, o papel do psicólogo emerge como fundamental, contribuindo de maneira significativa para o cuidado integral dos estudantes.

Entretanto, na realidade do Brasil, essa situação ainda é precária. Conforme os dados do Censo Escolar de 2022, segundo a pesquisa realizada pelo jornal "O Globo" com base nas informações do Censo Educacional de 2022, a presença de psicólogos nas instituições de ensino é pouca, representando apenas 0,05% do total de estudantes matriculados, o que equivale a menos de 0,1%. São 24.434 profissionais atendendo a uma população de 47,4 milhões de alunos nos níveis Infantil, Fundamental e Médio. A média nacional indica a existência de um psicólogo para cada 1.910 estudantes. Diante desse quadro, torna-se fundamental implementar ações para acabar com a escassez desses especialistas nas escolas da rede pública (Bandeira, 2023).

As políticas públicas devem reconhecer a necessidade do esforço conjunto entre todos os envolvidos para combater esses ataques. A oferta de psicólogos é uma das estratégias mais urgentes, não apenas nos casos de ataques, mas também porque as escolas carecem cada vez mais de educação emocional. Ter um profissional que apoie e auxilie é fundamental, pois os educadores não conseguem suprir todas as demandas do século XXI. Como já discutido, é premente que as políticas públicas restrinjam a cobertura midiática aos casos de ataques às escolas.

Um enfrentamento envolve a cobertura dos casos pela mídia, e a política armamentista deve considerar medidas que restrinjam o acesso e a posse de armas de fogo como parte da abordagem contra os massacres. Restrições mais rígidas podem contribuir significativamente

para reduzir a incidência de crimes violentos, incluindo os ataques em escolas. Limitar o acesso a armas de fogo pode dificultar o acesso de indivíduos com intenções violentas, diminuindo assim a gravidade e frequência de incidentes como tiroteios em instituições educacionais.

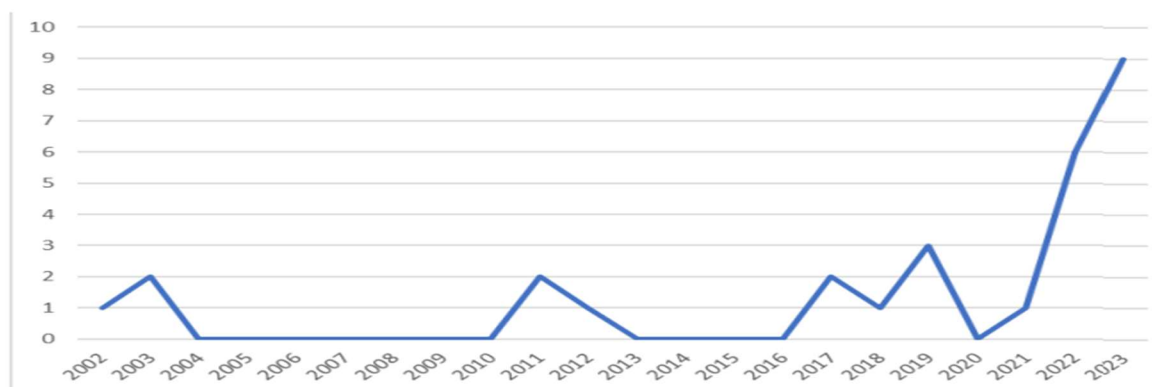
Políticas de controle de armas são fundamentais para garantir a segurança pública, promovendo ambientes mais seguros que efetivamente protejam a vida de estudantes, professores e funcionários nas escolas. Ao restringir o porte de armas, as políticas também ajudam a desencorajar potenciais perpetradores de crimes violentos, criando barreiras legais e regulatórias.

Formações continuadas são essenciais para os profissionais que atuam em escolas, sejam professores, gestores ou monitores de pátio. Esses programas não apenas capacitam esses profissionais, mas também os habilitam a identificar alunos em situações de comportamento de risco, permitindo o trabalho focado na singularidade de cada indivíduo. Essa abordagem individualizada não só promove ambientes mais inclusivos e acolhedores na escola, mas também contribui para o desenvolvimento integral dos estudantes, atendendo às suas necessidades específicas com maior eficácia e compreensão (Meinhart & Santos, 2020).

### **Análise de Dados Jornalísticos sobre Massacres Escolares**

Nos últimos anos, os atentados às escolas brasileiras têm se tornado cada vez mais frequentes, evidenciando uma escalada preocupante na violência no ambiente educacional. O crescimento desses incidentes reflete não apenas um aumento no número de ataques, mas também uma mudança nos perfis e nas motivações dos agressores.

**Figura 1:** Crescimento anual dos atentados as escolas brasileiras (2002-2023).



Fonte: As autoras.

Na evolução do crescimento dos ataques violentos às escolas, as mais atingidas foram as escolas públicas, embora as escolas particulares também tenham sofrido ataques. Um dos pontos que se destaca é o efeito contágio, no ano de 2023 houve casos de ataques com períodos muito próximos, como o caso de Amazonas (10/04/2023), Goiás (11/04/2023) e Ceará (12/04/2023). Portanto, existe coincidência nas datas dos ataques, sugerindo o efeito de contágio, como apontam Meindl e Ivy (2017).

Recentemente, foi sugerido um efeito de “contágio”, em que a ocorrência de um tiroteio em massa aumenta a probabilidade de outro tiroteio em massa ocorrer num futuro próximo. Embora o contágio seja uma metáfora convenientemente usada para descrever a propagação temporal de um comportamento, ela não explica como o comportamento se espalha. A imitação generalizada é proposta como um modelo melhor para explicar como o comportamento de uma pessoa pode influenciar outra pessoa a se envolver em um comportamento semelhante (Meindl & Ivy, 2017, p. 1).

Nesse contexto, os ataques nas escolas geralmente são eventos que causam repercussão midiática, sendo que a “[...] mídia pode influenciar na imitação” (Meindl & Ivy, 2017, p. 2). Ou seja, a divulgação nos meios de comunicação pode contribuir para a propagação em massa de ataques. A Organização Mundial da Saúde, elaborou um documento com orientações para a cobertura em casos de suicídios e massacres, destacando cuidados específicos ao tratar desses temas (OMS, 2000). Dessa forma, as diretrizes estabelecidas da OMS para a cobertura responsável de casos de suicídio, visam reduzir os impactos negativos da exposição midiática.

Entre as recomendações, destacam-se: evitar o sensacionalismo e reduzir a exposição excessiva na cobertura; ao noticiar o suicídio de uma celebridade, enfatizar a educação sobre saúde mental sem apelar para conteúdos sensacionalistas; abster-se de publicar imagens da pessoa falecida e de descrever em detalhes os métodos empregados no ato; reconhecer que o suicídio é resultado de uma interação complexa de múltiplos fatores; levar em conta o impacto emocional nos familiares e sobreviventes; evitar a glorificação da pessoa que cometeu o ato; e abordar as consequências das tentativas de suicídio que não resultaram em morte (OMS, 2000).

Por meio da pesquisa realizada em Portais de Notícias sobre os ataques em escolas foi averiguado que todos os agressores eram homens, de 10 a 50 anos, a maioria na fase da adolescência ou na casa dos 20 anos e frequentemente, isolados socialmente. Muitos dos

agressores relatam ter sofrido algum tipo de violência no ambiente escolar e, em alguns casos, foram influenciados por fatores externos. Além disso, muitos demonstram opiniões autoritárias de extrema direita (Mullen & Pathé, 2018).

É essencial compreender o comportamento e a psicologia dos perpetradores de massacres solitários, que, em sua maioria, são homens, com uma presença reduzida de mulheres. Esses indivíduos geralmente planejam cuidadosamente seus atos, sendo muitas vezes impulsionados por experiências de bullying e exclusão na infância, o que intensifica seus ressentimentos.

Além disso, o interesse por assuntos militares e armas é comum entre eles, com muitos colecionando esses itens. A busca por fama e reconhecimento, muitas vezes obtidos por meio da morte em eventos dramáticos, como heróis ou mártires, também é uma motivação frequente. Suas personalidades tendem a ser inflexíveis e egocêntricas, o que pode contribuir para a radicalização de seus pensamentos e ações (Mullen & Pathé, 2018).

### **Considerações finais**

A violência nas escolas é um fenômeno complexo, resultado de fatores sociais, psicológicos e culturais. Observa-se um padrão comum entre os agressores, que geralmente são jovens do sexo masculino, com padrões de isolamento, vítimas de *bullying* e com dificuldades emocionais. A busca por enaltecimento por meio da violência e o fácil acesso a armas de fogo também contribuem para a ocorrência de ataques às escolas.

O estudo destacou que a mídia exerce uma influência relevante podendo atuar como catalisadora de comportamentos de contágio. Assim é essencial adotar uma cobertura responsável, que evite o enaltecimento dos agressores e ao mesmo tempo, contribua para redução desses incidentes, desestimulando potenciais agressores.

Para criar um ambiente escolar seguro, é fundamental a implementação de políticas de segurança, investir na formação de profissionais e capacitá-los para identificar sinais de risco e a inclusão de temas relacionados à saúde mental e à prevenção da violência no currículo escolar. Combinando educação preventiva, intervenção precoce, controle de armas e uma abordagem responsável da mídia, apenas esforços coordenados serão capazes de garantir a segurança e o desenvolvimento dos estudantes.

Somente com educação preventiva, intervenção precoce, controle de armas e mídia responsável e esforços coordenados poderão garantir a segurança e o desenvolvimento dos estudantes. Este estudo contribui para o debate sobre a violência nas escolas brasileiras, destacando a necessidade de aprimorar práticas de prevenção e gestão de crises, por meio de políticas e ações integradas, a fim de gerar mudanças efetivas no sistema educacional.

### Referências

- Alcantara, S. C. *et al.* (2019). Violência entre pares, clima escolar e contextos de desenvolvimento: suas implicações no bem-estar. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(2), 509–522.
- Angst, C. *et al.* (2015). Violência no contexto da educação infantil: Um olhar da psicologia escolar. *Aletheia*, 46, 174–186.
- Bandeira, L. M. (2015). Violência de gênero: A construção de um campo teórico e de investigação. *Sociedade e Estado*, 29(2), 449–469.
- Bandeira, K. (2023, abril). Número de psicólogos nas escolas do país não chega a 0,1% do total de alunos. *O Globo*. <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/04/numero-de-psicologos-nas-escolas-do-pais-nao-chega-a-01percent-do-total-de-alunos.ghtml>
- Cordeiro, F. A. V. (2015). Education in human rights from the perspective of teachers in the public network of Rio de Janeiro. *Revista de Educação Pública*, 15(21), 7–15.
- Brasil. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2017). *11º Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2017*. [https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/01/ANUARIO\\_11\\_2017.pdf](https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/01/ANUARIO_11_2017.pdf)
- Brasil. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2019). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019*. <https://forumseguranca.org.br/publicacoes/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/>
- Brasil. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2020). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020*. <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>
- Brasil. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2021). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2021*. <https://forumseguranca.org.br/publicacoes/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/>
- Brasil. (2024). Lei nº 14.819, de 16 de janeiro de 2024. *Diário Oficial da União*, Seção 1, p. 4, col. 2. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2023-2026/2024/lei/L14819.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/L14819.htm)
- Brasil. Ministério da Saúde, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), & Ministério do Esporte. (2019). *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE)*. Ministério da Saúde. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9134-pesquisa-nacional-de-saude-do-escolar.html>

- Brody, G. H. *et al.* (2016). Supportive family environments ameliorate the link between racial discrimination and epigenetic aging: A replication across two longitudinal cohorts. *Psychological Science*, 27(4), 530–541.
- Brody, G. H. *et al.* (2015). Discrimination, racial identity, and cytokine levels among African-American adolescents. *Journal of Adolescent Health*, 56(5), 496–501.
- Brum, A., & Silva, R. L. (2021). O massacre de Suzano e a (in) atuação dos atores da proteção integral à luz da liquidez social e suspensão da ética. *Disciplinarum Scientia*, 17(1), 41–59. <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumSA/article/view/3833>
- Cerqueira, D. R. C., & Moura, R. L. (2014). Efeito da mudança demográfica sobre a taxa de homicídios no Brasil. In *Anais do XLII Encontro Nacional de Economia* (pp. 1–21). Rio de Janeiro.
- Díaz-Aguado, M. J. *et al.* (2021). La situación de la violencia contra las mujeres en la adolescencia en España. *Delegación del Gobierno contra la Violencia de Género*.
- Dutta, G., et al. (2021). Bullying among middle school students: A cross-sectional study. *International Journal of Community Medicine and Public Health*, 8(3), 1039–1044.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa* (27ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Frigotto, G. (2021). Sociedade e educação no governo Bolsonaro: Anulação de direitos universais, desumanização e violência. *Revista Desenvolvimento e Civilização*, 2(2), 118–138.
- Gaffney, H. *et al.* (2019). Are cyberbullying intervention and prevention programs effective? A systematic and meta-analytical review. *Aggression and Violent Behavior*, 45, 134–153.
- Garrett, B. A., et al. (2017). The effects of perceived racial/ethnic discrimination on substance use among youth living in the Cherokee Nation. *Journal of Substance Abuse Treatment*, 26(3), 242–249.
- Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas. (2023). *Ataques às escolas no Brasil: Análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental*. Brasília, DF: Relatório final. <https://www.gov.br/mec/pt-br/acao-a-informacao/participacao-social/grupos-de-trabalho/prevencao-e-enfrentamento-da-violencia-nas-escolas/resultados/relatorio-ataque-escolas-brasil.pdf>
- Guerra, V. M. *et al.* (2015). Concepções da masculinidade: Suas associações com os valores e a honra. *Psicologia & Saber Social*, 4(1), 1–12.
- Guimarães, A. P. *et al.* (2022). A escola como palco de massacres e atentados armados. *Universidade São Francisco, Curso de Pedagogia*.
- Guzzo, R. S. L. (2003). Educação para a liberdade, psicologia da libertação e psicologia escolar: Uma práxis para a realidade. In S. F. C. Almeida (Org.), *Psicologia escolar: Ética e competências na formação e atuação profissional* (pp. 169–178). Campinas: Alínea.
- Huhn, S., & Warnecke-Berger, H. (2016). The enigma of violent realities in Central America: Towards a historical perspective. In *Politics and History of Violence and Crime in Central America* (pp. 1–20). Palgrave Macmillan.

- Idoeta, P. A. (2019). Massacre em escola de Suzano: Padrão de atiradores envolve crise de masculinidade e fetiche por armas, dizem especialistas. *BBC News Brasil*.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). (2022). *Censo Escolar da Educação Básica 2022*.
- Jones, A., & Harrison, F. (2014). Wellbeing and the school environment. *Wellbeing and the Environment*, 2(2), 1–20.
- Krajewska-Kulak, E. et al. (2016). *Różne Barwy Przemocy*. Białystok.
- Li, Y., et al. (2021). Do children know that fantastic events in television programs are not real? *Cognitive Development*, 58.
- Malkki, L. (2014). Political elements in post-Columbine school shootings in Europe and North America. *Terrorism and Political Violence*, 26(1), 185–210.
- Marques, E. R. R. et al. (2019). O bullying e os danos à saúde mental. *Temas em Saúde*, 19(4), 290.
- Mattos, M. M., & Carvalhosa, S. F. (2001). A saúde dos adolescentes: ambiente escolar e bem-estar. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 2(2), 43–53.
- McElroy, M. B., & Wang, W. P. (2017). *Seemingly inextricable dynamic differences: The case of concealed gun permit, violent crime and state panel data*. Rochester, NY: Social Science Research Network.
- Meindl, J. N., & Ivy, J. W. (2017). Mass shootings: The role of the media in promoting generalized imitation. *American Journal of Public Health*, 107(3), 368–370.
- Morais, M. M. (2022). Governo Bolsonaro, um governo fundado em fake news? *Revista da APG*, 1(1).
- Mullen, P. E., & Pathé, M. (2018). Assessing and managing threats to commit a massacre. *Australian & New Zealand Journal of Psychiatry*, 52(8), 732–736.
- Oliveira, F. A., & Santos, N. J. (2022). O discurso sobre masculinidade tóxica em uma campanha publicitária governamental. *Revista do GELNE*, 24(1), 136–147.
- Oliveira, M. M. et al. (2015). Fatores associados à procura de serviços de saúde entre escolares brasileiros: uma análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2012. *Cadernos De Saúde Pública*, 31(8), 1603–1614.
- Organização Mundial da Saúde. (2000). *Prevenção do suicídio: Um manual para profissionais da mídia*. Genebra: Departamento de Saúde Mental e Transtornos Mentais e Comportamentais.
- Rettew, D. C., & Pawlowski, S. (2022). Bullying: An update. *Child and Adolescent Psychiatric Clinics of North America*, 31(1), 1–9.
- Smokowski, P. R., & Kopasz, H. K. (2005). Bullying in school: An overview of types, effects, family characteristics, and intervention strategies. *Children & Schools*, 27(2), 101–110.
- Swearer, S. M. et al. (2010). What can be done about school bullying? Linking research to educational practice. *Educational Researcher*, 39(1), 38–47.

- Tapia-Fonllem, C., *et al.* (2020). School environments and elementary school children's wellbeing in Northwestern Mexico. *Frontiers in Psychology*, 11, 1–8.
- UNESCO. (2019). *Behind the numbers: Ending school violence and bullying*. Paris: UNESCO. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000366483>
- UNESCO & ONU Mulheres. (2022). *Orientações internacionais para o enfrentamento da violência baseada em gênero na escola*. Brasil: UNESCO.
- Vieira, T. M., Mendes, F. D. C., & Guimarães, L. C. (2000). Columbine à Virginia Tech: Reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3).
- Vinha, T., *et al.* (2023). *Ataques de violência extrema em escolas no Brasil: Causas e caminhos*. D<sup>3</sup>e.
- Waldenfels, B., & Trepca, A. (2019). Metamorphoses of violence. *Studia Phaenomenologica*, 19, 19–35.
- Whaley, A. (2020). The massacre mentality and school rampage shootings in the United States: Separating culture from psychopathology. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 30(3), 3–13.
- World Health Organization. (2021). *Mental health of adolescents*. World Health Organization, Global Health Estimates (GHE). Disponível em: <https://www.who.int/news-room/factsheets/detail/adolescent-mental-health>

Recebido: 30/12/2024

Aceito: 04/02/2025

Publicado: 26/04/2026

NOTA:

As autoras foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.